

O BERÇO da CRIANÇA

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanaário nacionalista

Propriedade da Empresa
Editor — ANTONIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.
Impressão: Tip. Minerva — Vila Nova de Famalção

Festas da Cidade

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal deliberou, com o aplauso unânime do concelho, custear com 70 contos as Festas Gualterianas. Para esse efeito, está já constituída a comissão organizadora, composta de um representante da Câmara, Associação Comercial e secção do Sindicato dos Empregados de Comércio.

Não será possível, com a verba a expender, imprimir às Festas um aspecto pomposo; mas também afirmamos que esse fausto se dispensa perfeitamente.

Neste ciclo histórico da vida nacional, em que às normas niveladoras e igualitárias, se opõem as orientações diferenciadas do regionalismo, as Festas da Cidade, devem ser organizadas em obediência às características locais.

Danças regionais, com a sua coreografia palpitante de beleza rítmica, concursos de trajes, deslumbrantes pela *féerie* do seu colorido gritante, cortejos agrícolas, marchas rubras de alegria campesina, coros ou orfeões, incluindo trechos do folclore regional, as canções tam originais do povo das nossas aldeias, que só por si constituem mais frementes motivos de atracção dos forasteiros, do que quantas bizarrices decorativas os nossos iluminadores sejam capazes de inventarem; reconstituições históricas, dinamizando cenas do passado, em ambientes apropriados, etc., etc. . . . Sobrepondo-se a tudo isto, a marcha gualteriana, com o figurado representativo de tipos minhotos e carros alegóricos.

Eis a traços largos, as fontes inspiradoras do programa das festas, que uma comissão de artistas delinearía com elevação e bom gosto.

As Festas da Cidade devem aliar aos motivos de alegria popular uma lição de cultura, de história, de amor à grei, impressionando simultaneamente a inteligência e a sensibilidade.

O que nós preconizamos, sem qualquer originalidade, não impede das decorações, mas mesmo estas devem ser o reflexo do folclorismo local.

Arcos afestonados, rebrilhantes de lentejoulas e europeis, absorvedores de caudais de dinheiro, sem que nada suscitem na alma do povo, a não ser uma admiração basbaque, isso não, senhores membros da Comissão das Festas, porque representa um dispêndio inútil.

«HOMILIAS» DUM LEIGO

A «homília» é uma forma simples e familiar de instrução religiosa. E como à religião anda indissolúvelmente presa a moral, também esta é assunto deste género oratório.

Destinando-se a todos os fiéis, aos quais ordinariamente se dirige à hora da missa conventual, a «homília» tem de ser acomodada a todas as inteligências, desde as mais privilegiadas até às mais rudes. A linguagem de que se serve tem, pois, de ser clara e simples e despida de todo o aparato. Difere do «sermão» que se reveste de certa solenidade e afecta por vezes grande brilho e pompa literária. A sua duração também é menor e o seu carácter familiar revela-se até no facto de ser proferida junto do altar, ao passo que o sermão tem de ser pronunciado no púlpito — tribuna da oratória sagrada.

A conveniência de certos assuntos de carácter religioso e moral serem tratados por um leigo parece não carecer de demonstração. Há só o inconveniente de lhe minuar a competência e fallar-lhe a autoridade. Quanto à primeira, guardar-se-á «o leigo» de versar assuntos de que não conheça suficientemente; a autoridade que lhe faltar será plenamente suprida pela força das mesmas verdades que aqui forem proclamadas.

Estas «homílias» serão, pois, como as «autênticas», breves, simples e claras. Todos as poderão ler e, lendo-as, alguma coisa poderão lucrar, tal é a deficiência de conhecimentos em assuntos desta natureza.

H. LEIGO.

A' MARGEM

No combate pela causa nobre do corporativismo cristão, lançamo-nos, com Fé e Esperança no futuro de Portugal, nesta árdua tarefa do jornalismo.

Temos fé, porque somos novos; e porque novos não tememos o ataque dos inimigos — cobarde ou deslealmente feito — nem as suas intrigas.

Temos esperança, porque temos Fé; não são os protetas da desgraça que no-la farão perder. Seguimos um fim determinado, sem nos importarmos com as suas palavras ócas e cobardes.

Temos Fé e Esperança na imortalidade da Pátria Portuguesa.

Temos Esperança e Fé na continuidade da Revolução Nacional.

Temos Fé e Esperança nos destinos imperiais da Pátria.

E' por isto tudo que nos propuemos formar uma nova mentalidade vimaranense, integrando-a na Revolução Nacional a bem da Nação e desta Terra.

Assim a nossa divisa será: Por Guimarães servindo os altos interesses da Pátria.

«Temos de formar na vida um ideal, para dar à Nação a força de que ela necessita para caminhar e é na mocidade que se firma o ideal da Vida.» — OLIVEIRA SALAZAR.

Do «Notícias de Guimarães», penúltimo número, transcrevemos: «Iamos a apostar até que S. Ex.ª o sr. Governador Civil deve estar admirado de tanta conselheira posta em benefício do Bairro Económico em Guimarães».

Quando o colega assim falava, estava confiado ao sr. capitão Lucínio Preza — magistrado prestigioso, cuja fôlha de serviços à região o torna credor das simpatias de todos os minhotos, — o cumprimento de última formalidade burocrática, para que a construção do Bairro seja iniciada.

Notícias da capital, publicadas no pretérito domingo, confirmam esta asserção.

Disto induz-se que o Notícias de Guimarães falava ao envés da verdade dos factos. E estava quasi a fazer uma aposta...

D A C I D A D E

AUXÍLIO AOS POBRES

Em 8 de Janeiro corrente, pelas 21 horas, efectuou-se na secretaria da *Casa dos Pobres*, uma reunião convocada pela direcção daquela Casa para se tratar da forma de dar execução neste concelho ao decreto-lei n.º 26:154, relativo à Campanha de Auxílio aos Pobres de Inverno.

Assistiram a direcção da Casa dos Pobres, os revs. párocos das freguesias de Nossa Senhora da Oliveira, S. Paio, Costa e Urgez, e os presidentes das Juntas das freguesias de S. Paio, S. Sebastião e Nossa Senhora da Oliveira.

Discutido minuciosamente o assunto, ficou resolvido que se constituíssem urgentemente, em todas as freguesias, as delegações paroquiais a que o citado decreto se refere e que estas organizassem os cadastros dos pobres nos termos indicados no mesmo decreto.

Para a coordenação dos esforços de todas as delegações, foi nomeada uma comissão composta pelos senhores Administrador do Concelho, rev. Arcipreste do Julgado Eclesiástico e director-administrador da *Casa dos Pobres*, sr. João Teixeira de Aguiar.

Esta comissão ficou encarregada de organizar os modelos de impressos destinados aos cadastros dos pobres e de enviar circulares aos revs. párocos a solicitar-lhes que promovam rapidamente a constituição das delegações, e preenchimento dos referidos mapas, conforme as instruções que juntamente lhes vão também ser enviadas pela mesma comissão.

Tomou-se conhecimento de que a *Casa dos Pobres* tinha sido encarregada de fornecer sopas aos pobres de inverno, até à importância de 100\$00 esc. diários, tendo o seu director-administrador da mesma instituição declarado que com aquela verba a *Casa dos Pobres* ficava habilitada a fornecer 150 refeições, além das que actualmente já ali são distribuídas.

Todos os presentes renderam os mais calorosos elogios à acção do **Estado Novo** em prol dos necessitados e manifestaram a melhor vontade em prestar-lhe o seu concurso para que ela produza os mais profícuos resultados.

Festividade religiosa

Na próxima segunda-feira, realiza-se, na igreja de S. Dâmaso, a festividade em honra de S. Sebastião.

De manhã haverá missa a grande instrumental e de tarde sermão, sendo prégador o distinto orador sacro rev. D. António Coelho. A ornamentação do templo está confiada aos hábeis armadores desta cidade Eugénio e Novais.

VIDA CATÓLICA

S. Sebastião

A Igreja Católica presta no dia 20 as suas homenagens de veneração e amor a S. Sebastião, heróico *defensor da fé* e mártir da mesma fé. Os anos correram velozes e muitos séculos já passaram após a morte do glorioso Santo; apesar disso, parece ser ainda de ontem, tam viva está na mente de todos os cristãos a vida terrena de S. Sebastião. E porquê? E' que quanto mais o tempo corre tanto mais a todos admira, a todos deixa estupefactos a nobreza de carácter do nosso Santo.

Jovem de alta linhagem, esmeradamente educado na Religião Católica, com um espírito onde brilhavam a mansidão, prudência, afabilidade, caridade, generosidade e tantas outras virtudes, êle conquista pelos seus extraordinários dotes um lugar de preponderância na côrte de Diocleciano — o imperador de Roma.

A Igreja Católica sofria uma das mais cruéis perseguições. Como o *Sangue de cristãos e a semente de novos cristãos*, as prisões encontravam-se repletas e o sangue dos mártires da fé corria pelos circos e praças públicas.

Parece que S. Sebastião vai entregar-se todo ao seu bem estar, a uma vida cômoda, sossegada, tranqüila, a uma vida que de algum modo fôsse a posse da felicidade terrena; parece que S. Sebastião deverá esconder os seus sentimentos cristãos a fim de continuar a ser o valido de Diocleciano, o seu lugar-tenente, o homem da confiança do imperador, o capitão, o chefe da guarda imperial. Mas não.

Mais acima, bem mais alto que todas essas honrarias e proventos, estava o respeito pelo seu carácter, o amor pela fé que professava; e até se serve da posição que ocupa para alentar uns que desfaleciam ante a ameaça dos suplícios, para converter outros, para a todos encorajar a obedecerem a Deus primeiro que aos homens, sem jamais faltar ao cumprimento dos seus deveres. Era abusar da confiança que em si depositara Diocleciano? Não!

Era simplesmente melhor servir ao imperador servindo bem a Deus; era pôr a sua vida de acôrdo com a fé que professava e isto ainda à custa de tudo, porque sendo já muito perder o seu lugar na Côrte, Diocleciano condenou-o, sem organização de processo algum (o que não é de estranhar) a perder a própria vida.

E quando abandonado dos algozes, que o julgaram morto, recuperou a vida, graças aos cuidados e carinhos de uma boa e Santa Viúva, S. Sebastião, longe de fugir, volta ao palácio e com respeito mas animosamente supplica a Diocleciano que se não deixe iludir, pois fique sabendo que em vez de irritar os deuses, os cristãos com as suas orações só conseguiam do Senhor a prosperidade do Estado.

Perante a admiração e espanto do imperador, declara quem é, e em troca ouve a sentença — condenado a ser morto a varadas — suplício cruel que lhe fez perder a vida em 288.

S. Sebastião é bem o modelo perfeito dos homens dos nossos tempos.

Quantas vezes se depara com o egoísmo degradante, com a falta de carácter de tantos e tantos perante as leis de Deus acima de tudo, e perante as leis do Estado, quando estas não são contrárias àquelas.

Como causa dó ver tantos homens de hoje viverem para si mas sem Deus, viverem para os seus prazeres, para as suas paixões talvez à custa de muitos crimes, como são para lastimar tantos e tantos que dizem com palavras o que não sentem no coração, ou segundo as conveniências ditas *sociais* procedem em completo desacôrdo com a fé que dizem professar.

S. Sebastião vivia para si, mas com Deus e para Deus, sem jamais se notar a mínima nota discordante entre a fé cristã e as suas acções. E' que muitos homens de hoje vivem para um prazer momentâneo; S. Sebastião vivia para o prazer eterno. Tantos homens de hoje vivem para o desaparecimento num cemitério; S. Sebastião vivia para a eternidade.

Por isso, enquanto a memória desses tais do mundo desaparece bem depressa, o nome de S. Sebastião perdura e perdurará enquanto Deus fôr Deus. Que S. Sebastião, a quem os cristãos e portugueses devotam especial culto, a quem os Vimaraneses tanto veneram, alcance do Céu as graças de que todos necessitam para bem servirem a Deus e à Pátria.

Pôs o Director dêste semanário, gentilmente à minha disposição, as colunas do seu jornal, para nêle fazer a propaganda que julgue necessária, a bem do escutismo, no nosso concelho.

E' tarefa superior aos recursos de que disponho, e não fôra o grande desejo que sinto de vêr alargada a benéfica influência de tam útil obra, e, com certeza, não me abalançara a tanto.

O escutismo que Sua Ex.^a o Sr. Cardeal Patriarca classifica de a melhor obra para a educação da Juventude não alcançou ainda, na nossa terra, mercê de circunstâncias várias, o lugar a que tem jus.

Uma dessas circunstâncias, e das mais poderosas, é o indiferentismo a que Guimarães parece voltar os problemas educativos, reflexo talvez da época que atravessamos, falha de ideal e de tudo que seja espiritualidade.

Procurar quebrar êsse indiferentismo e que só ao desconhecimento se deve; mostrar aquilo que se tem feito e o muito que neste campo se poderia fazer com benefício para a sociedade e honra para Guimarães, são os objectivos dêstes despretenhosos artigos.

Para êles pedimos a benevolência dos leitores, dada a incapacidade técnica de quem redige e a sua mais que deficiente cultura literária.

LOBO VERMELHO.

Caridade

A irmandade de S. Sebastião vai distribuir, conforme o legado de José António Fernandes, aos pobres das freguesias da cidade, 200 boroas de pão.

Notícias pessoais

Para Tôres Novas, dirige-se brevemente, o nosso amigo sr. Luiz Fernandes Azevedo.

Orfeão

Os ensaios do novo grupo orfeônico decorrem num crescendo de perfeição.

A direcção desta colectividade prepara para a quadra do Carnaval folguedos, que proporcionarão horas de distracção aos seus associados.

António Malheiro Rodrigues, entalhador, executa todos os trabalhos de arte em mobiliário antigo e obra de igreja: altares, baldaquines e banquetas.

Largo 28 de Maio — Guimarães.

CAMPANHA DE AUXÍLIO AOS POBRES NO INVERNO

Reconstituição Económica A' MARGEM

A Revolução Nacional, pela sua finalidade popular, humanitária e nacionalista, visa essencialmente a garantir o pão na casa dos humildes.

Para consecução deste objectivo, vão ser organizadas comissões em todas as freguesias de Portugal, compostas por o presidente da Junta da Freguesia, representante da autoridade eclesiástica e um membro da União Nacional, que terão a seu cargo a distribuição de refeições e agasalhos, cobertores, aos indigentes.

A comissão distrital é composta pelos srs. capitão Alberto Rebêlo Branco, como delegado do sr. Governador Civil, cónego dr. António Gonçalves Pires, como delegado do sr. Arcebispo Primaz e dr. António Abranches, como delegado da União Nacional.

Esta comissão iniciou já os seus trabalhos, entrando assim no campo das realidades.

A Guimarães são concedidos 100\$00 diários, sendo a verba aumentada desde o momento que não corresponda plenamente às exigências locais.

Os regedores do nosso concelho trabalham na organização do cadastro dos indigentes, que terá de ser apresentado no prazo de cinco dias.

Que nenhum dos membros das comissões paroquiais esmoreçam na sua grandiosa acção, até que o frio e a fome sejam implacavelmente dominados, são os nossos votos.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Ordem de serviço

Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques)—A formatura no próximo domingo, será às 7 ³/₄ horas, para se assistir à Santa Missa, uniformizados.

Em seguida haverá o costumado passeio ao Campo.

Grupo n.º 6 (S. Dâmaso)—No próximo domingo haverá a Comunhão Mensal deste Grupo.

Todos os escutas se devem apresentar uniformizados e Confessados, sendo a formatura às 7 e meia horas.

Em seguida haverá passeio ao Campo.

Grupo n.º 2—A formatura no próximo domingo é às 8 horas para assistência à Santa Missa e em seguida instrução no Campo.

Bicicleta—Compra-se em bom estado e paga-se pelo justo valor. Falar nesta redacção.

A estrada larga do futuro de Portugal desenha-se bonançosa e fecunda.

Antes do 28 de Maio, os dirigentes de Portugal preparavam, não projectos de fomento e de reconstrução, mas frases brunidas, expressões empoladas, para as clamar nos torneios parlamentares.

Com a Revolução Nacional tudo mudou: às palavras sucederam os factos, aos projectos improvisados, quasi sempre irrealizáveis, planos concretos, adaptados à realidade e às necessidades do ambiente.

Portugal, mergulhado em profunda sonolência, sentiu após o 28 de Maio vigoroso impulso, que o plano de reconstituição económica a iniciar este ano, tornará muito mais acentuado. São 6 milhões e 500 mil e o que o Governo aplicará no prazo de 15 anos.

Este plano de forte envergadura, irá não só proporcionar bem-estar às populações, concretizando sonhos acarinados há um século, como debelar a crise de trabalho, aplicando tantos braços inactivos.

Este ano, para começo da execução dos projectos já estudados por técnicos em todas as suas minudências, será aplicada a verba de 500 mil contos!

Dinheiro ciosamente arrecadado, representa saldos orçamentais acumulados que os despeitados se fartaram de apodar de fictícios.

O mais enérgico desmentido a essas atoardas será expresso na aplicação das seguintes verbas extraordinárias, ainda no presente ano económico: obras de hidráulica agrícola, 20 mil contos; portos, 97 mil contos; rede telegráfica e telefónica nacional, 15 mil contos; fundo especial de caminhos de ferro, 24 mil contos; trabalhos de urbanização, 15 mil contos; edificios escolares, 20 mil contos; Estádio de Lisboa, 4 mil contos; casas económicas, 3 mil contos; monumentos a erigir, 5 mil contos; edificios públicos, 48 mil contos; melhoramentos rurais, 10 mil contos; edificios para hospitais escolares em Lisboa e Porto, 5 mil contos; Junta autónoma das estradas, 20 mil contos; despesas extraordinárias para rearmamento do exército, 150 mil contos; aquisição de navios e continuação do plano relativo à aviação naval, 44 mil contos.

Política de realidades, que se desentranhará em benefício das classes trabalhadoras, esmagadas por uma crise de pânico mundial, e levantará o nível económico do país, movimentando todos os sectores da indústria e do comércio nacionais, ao mesmo tempo que concretizará longínquas aspirações.

Nesta hora amarga, em que a mancha dolorosa dos desempregados se perspectiva no horizonte das nações, Portugal, orientado pela previdência de Salazar, capitalizou dinheiros que nos colocarão à margem das convulsões sociais.

Nunca como hoje campeou com tanto desaforo a calúnia e a maledicência.

Bastou a publicação do nosso semanário, para os profissionais do boato, sem consciência nem carácter, soltarem em desfilada doida, os mais desconchavados destemperos.

Aqui lhes afirmamos, com toda a calma, própria de quem nada deve nem nada teme, que a saída deste jornal deve-se única e exclusivamente, a umas largas dezenas de respeitáveis vimaranenses que gentilmente acederam ao pagamento adiantado da assinatura por dois anos e meio.

Do Município iremos receber a quantia de 450\$00, respeitante à publicação do edital do recenseamento.

A preferência que a Câmara teve para conosco é justa, porque a nossa acção na marcha dos assuntos municipais afirma-se colaboracionista e não obstrucionista.

Procedemos desta forma, porque a nossa consciência segreda-nos que só assim podemos servir os interesses de Guimarães.

Quanto à quantia citada não se espantem, pois é muito escassa em relação à tabela de outros periódicos por serviços do mesmo género.

Quanto às remunerações pingues, atribuídas aos que aqui trabalham, não vale a pena refutá-las, pois têm imensa graça.

E sobre este assunto, ponto final.

Avizinha-se a hora, há tanto tempo ansiada, da glorificação dos heróis da Grande Guerra, que nas planícies lamacentas da Flandres, souberam prestigiar com ulania e nobreza o nome de Portugal.

Guimarães vai saldar uma dívida de gratidão e justiça...

O projecto do sr. capitão Fraga, a uma feliz concepção. A figura de Vitória, custodiada pelo marujo é pelo soldado, vibrante de acentos de energia e repassada de um trêmido de audácia, representa a «arrancada» de uma Pátria para as estradas iluminadas do heroísmo.

Fazemos votos para que a campanha sustentada pelo *Noticias de Guimarães*, com tanta persistência e denodo, em prol da erecção do monumento aos heróis da Grande Guerra, tenha agora o seu retumbante êxito.

Foi com **mágoa e revolta** que no último número do *Noticias de Guimarães*, que tam belos números tem dedicado às *Festas do Natal*, lemos este pa-so chocante e desaforado: «passadas que são as festas da Família e Ano Novo, preconceitos dum tradicionalismo mais que velho já sem vantagem para ninguém», etc.

Não estranhámos a farta dosagem de insensibilidade perante a poesia das festas do Natal que tais palavras revelam; não podemos porém admitir que se venha assim, publicamente, ofender as crenças não só de quasi todos os portugueses mas até de todo o mundo cristão.

DO MUNICIPIO

ACÇÃO MUNICIPAL PELA CAMARA

REALIZAÇÕES PARA ÉSTE ANO

Em notas impressivas, sem adjectivações nem frases rebuscadas, desdobremos o plano de melhoramentos que a Câmara Municipal de Guimarães tracejou para o presente ano económico.

Todas as obras previstas, pela sua influência decisiva na vida higiénica, sanitária e social de Guimarães, pertencem ao número daquelas cuja realização há longas décadas a consciência vimaranense anseia.

A' cabeça, como melhoramento de vulto, surge a construção do Bairro económico, em que a Câmara despenderá, além de 500:000\$00, empréstimo contraído na Caixa Geral de Depósitos, 200:000\$00 na expropriação de terrenos, terraplanagem, abastecimento de águas e urbanização.

A execução desta obra, que deverá estar concluída ainda este ano, solucionará em alta escala o problema apavorante das habitações.

A seguir ao Bairro, destaca-se pela sua importância o abastecimento de águas à cidade, que serão captadas no rio Ave, Taipas.

E' inútil enaltecer o valor deste projecto, pois basta dizer que só após a sua execução será possível enfrentar o problema do saneamento.

Para a conclusão do corpo central do mercado, destina o Município 250:000\$00.

Prosseguimento da Avenida dos Pombais, 200:000\$00.

O edifício dos Paços do Concelho absorverá 100 contos, proveniente da derrama para esse efeito lançada.

Continuação da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 75:000\$00, que serão despendidos na terraplanagem e expropriação dos casebres situados na parte da artéria citada que confina com a rua Dr. José Sampaio.

Mudança do trajecto da estrada de Fafe, de maneira a contornar a fachada dos Paços do Concelho, 75:000\$00.

Esta obra permite o desatêrro do lanço da estrada de Fafe sobranceiro ao novo edifício municipal, fornecendo terra para a Avenida dos Combatentes.

Reparação da estrada de Fafe, do Bringel à Barreira, 25:000\$00.

Expropriação de terrenos para o novo Matadouro, 20:000\$00.

Pavimentação da rua de Paio Galvão, 40:000\$00.

Eis a traços gerais, o que a Câmara projecta fazer em prol do progresso da cidade de Guimarães no presente ano económico.

Lamentamos apenas que não fôsse incluída uma «velharia» para pábulo da maledicência caseira.

Vejamos as verbas destinadas às freguesias do nosso concelho.

Para a construção de novas escolas 10:000\$00.

Embora um ano seja insuficiente para a resolução do magno problema do analfabetismo, no entanto sofre já profundo golpe, que em anos proximos, disso estamos esperanças, será solucionado.

Aos meios rurais destina-se também a verba de 100:000\$00, proveniente do Imposto de Trabalho, que será distribuída por cada freguesia, conforme o respectivo rendimento.

Restauração do Balneário Vélho das Taipas, 80:000\$00.

Eis, esquemáticamente traçado, o plano de acção municipal, previsto para este ano!

Rejubilamos por nenhuma das obras apontadas ter carácter brica-braquista.

E' assim que se deve gastar o dinheiro dos munícipes, sem preoccupações de cenografia ou arranjos estéticos.

Acima de quaisquer outras, coloquemos as obras de benéficas conseqüências higiénicas e sociais.

Com a presença de todos os vereadores realizou-se na quinta-feira pretérita a sessão ordinária da Comissão Administrativa da Câmara Municipal.

Do expediente fazia parte uma comunicação da Junta autónoma das estradas a informar de que tinha sido enviado um cheque de sete mil e tal escudos, por conta da comparticipação concedida para a pavimentação da estrada municipal entre S. Salvador do Souto e Santo Estêvão de Briteiros.

Pelo sr. vereador A. L. de Carvalho foi apresentada uma proposta para que se organize um rancho regional que se exhibirá nas próximas Festas da Cidade. Para presidente da Comissão organizadora foi proposto o nome do distinto etnógrafo sr. Alberto Vieira Braga. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Foi resolvido convocar uma reunião da comissão de estética a fim de esta se pronunciar sobre diversas construções que se projectam nas Avenidas Novas e à entrada da Avenida Cândido dos Reis; sobre o monumento aos heróis da Grande Guerra e sobre a conveniência de demolir alguns prédios na rua de Santa Cruz.

A CAMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃIS recebeu do Estado no ano económico findo, por conta das comparticipações concedidas, a importância de 393:152\$10

Obras comparticipadas	Importância	Recebida	A receber
Empedramento da E. M. n.º 14 — das Taipas à Falperra	49:821\$37	8:942\$06	40:879\$31
Empedramento do ramal da E. 13-2.ª à Igreja da S. Salv. do Souto . . .	27:745\$50	7:755\$71	19:987\$79
Construção e empedramento da E. de Campelos	32:211\$23	20:631\$55	1:579\$68
Pavimentação da E. da Penha ao alto de S. Simão	29:441\$39	17:503\$85	11:937\$54
Asfaltamento da R. do Dr. Abílio Torres (Vizela)	45:239\$30	35:631\$31	9:607\$99
Edifício do Mercado Municipal . . .	100:000\$00	47:500\$00	52:500\$00
Prolongamento da R. Gil Vicente a S. Lazaro	169:000\$00	78:689\$71	90:310\$29
Retretes do Liceu	13:165\$03	13:165\$03	—
» » » — projecto suplementar	2:000\$00	—	2:000\$00
Construção da E. de Santa Maria de Souto à estrada N. n.º 5-1.ª — lanço de Santa Maria de Souto ao lugar da Carêta	24:341\$00	24:341\$00	—
Conclusão da E. M. n.º 11 — de Brito à Portela da Serrana — lanço de Leitões à Portela da Serrana na extensão de 912 ^m ,92	27:515\$44	27:515\$44	—
Pavimentação da E. do lugar da Canela ao Sabroso	12:690\$00	12:690\$00	—
Reparações em diversas Escolas . .	—	35:687\$00	—
Avenida Cândido dos Reis	56:409\$00	36:579\$00	—
» da Estrada de Fafe	59:000\$00	24:335\$00	—
Caminho dos Remédios	2:185\$44	2:185\$44	—
Total	650:764\$70	393:152\$10	228:802\$60

VIDA RELIGIOSA

A mesa da irmandade da freguesia de S. Sebastião, coadjuvada por um grupo de senhoras desta cidade, tendo como juíza a sr. D. Delmira de Sousa Lima Rodrigues, promove no dia 26 do mês corrente, a festividade em honra do seu orago, na igreja da freguesia de S. Sebastião.

A direcção da música sacra está confiada ao professor de canto coral do Liceu de Braga, padre Alaio de Carvalho, o sermão, ao distinto prègador padre Abílio Cândido de Almeida Gomes, ex-capelão de infantaria 18.

Na próxima segunda-feira, se o tempo permitir, sairá da igreja de S. Dâmaso, a procissão de S. Sebastião.

CORPORATIVISMO

INQUERITO
ÀS CLASSES OPERÁRIAS

Fala o sr. Ezequiel de Sousa, presidente da Secção do Sindicato de Manipuladores de pão.

Ventilar os problemas dos que trabalham, analisá-los em todos os factos, atrair sobre eles as atenções dos dirigentes, é contribuir para o bem-estar da nossa colmeia operária e consequentemente para o progresso de Guimarães.

Registemos as pulsações da alma operária vimaranesa, os seus anseios de justiça, as suas justas reivindicações, trapaceiramente ludibriados por um século de retórica ôca.

No horizonte da vida social portuguesa brilha um clarão de fé, e nos corações dos operários renasce a confiança.

Escutemos as palavras sinceras e rudes dos presidentes dos sindicatos, células vitais do corpo nacional.

Fala o sr. Ezequiel de Sousa, presidente da secção do Sindicato dos Manipuladores de Pão.

Sem vénias nem salamaleques, iniciamos a nossa conversa.

— Diga-nos, a antiga Associação da classe dos padeiros, conquistou algumas regalias para os seus filiados?

— Em Guimarães, a minha classe nunca esteve organizada. O primeiro rebate de consciência senti-mo-lo com o advento do Estado Corporativo, e dessa altura data a nossa organização.

— Houve resistências a vencer para a formação da secção do Sindicato?

— A comissão organizadora, composta de dezasseis membros, trabalhou com tanto ardor e entusiasmo, que todos os obstáculos foram removidos.

— Então a sua secção iniciou logo uma vida activa?

— A secção do Sindicato dos Manipuladores de Pão teve fases de desânimo, mas hoje tenho o orgulho de afirmar que todos os padeiros estão sindicalizados.

— Então toda a sua classe está filiada no Sindicato?

— Pode exceptuar apenas uns quatro.

— Quais eram as reivindicações que mais ansiavam?

— Entre muitas, avultava, sem dúvida, o cumprimento do horário de trabalho.

— E obtiveram alguma conquista nesse sentido?

— Sim, senhor, responde-nos o entrevistado, com certa firmeza. Basta dizer-lhe que a nossa classe trabalhava diariamente 16, 18 e 20 horas; hoje trabalha 10 horas. A diferença é acentuada.

— Não haverá exagêro nessas 20 horas?

Dr. Miranda da Rocha INQUERITO

ÀS CLASSES OPERÁRIAS

Os Sindicatos Operários de Guimarães mandaram rezar na Basílica de S. Pedro, em 29 de Dezembro último, pelas 11 horas, uma missa em sufrágio da alma do saudoso apóstolo da Causa Corporativa, dr. Miranda da Rocha, por quem os trabalhadores de Guimarães alimentavam profunda admiração e amizade.

A assistir ao acto lembra-nos ter visto as seguintes pessoas: dr. José Francisco dos Santos, presidente do Município, António José Pereira de Lima, administrador do concelho, coronel Duarte Amaral, presidente da U. N., e família, Francisco Pereira Mendes, secretário da U. N.; os industriais Francisco Costa, Afonso Costa e Joaquim Ribeiro Moura e filhos; os comerciantes Manuel Pereira Mendes, Gilberto Pereira e Eduardo Lemos Mota; Mário de Sousa Menezes, professor da Escola Industrial, e família, além de numerosas deputações dos operários dos Sindicatos Nacionais de cutilaria e de cortumes, acompanhados das suas bandeiras, do Sindicato Nacional da indústria têxtil, secção do S. N. da indústria de padaria, e António Laranjeiro dos Reis, pela secção do S. N. dos empregados do comércio.

Foi celebrante o rev. sr. Padre Gaspar Nunes.

Os homens dos Sindicatos

Direcção do Sindicato dos Operários da Indústria Têxtil: António Ferreira Leiras, presidente; Armino Gonçalves, Domingos Alves Pereira, José Correia e Manuel Magalhães.

Corpos gerentes do Sindicato dos Operários da Indústria de Cutilaria, com sede em Creixomil — Assembleia geral: António Francisco de Oliveira, Francisco da Silva Salgado e António Pereira Torcato — Direcção: António Cunha, presidente; José António Pereira, secretário; José da Cunha, tesoureiro; Manuel de Freitas e José Perpétua, vogais.

Direcção do Sindicato dos Operários de Cortumes: Herculano Pereira Salgado, Alberto da Silva de Oliveira Salgado, Rodrigo Magalhães, Augusto de Oliveira e Manuel Cardoso.

Membros da Direcção da Secção do Sindicato dos Operários de Padaria: Ezequiel de Sousa, José Pinto de Carvalho e Manuel Carneiro.

Encontra-se em formação a secção dos empregados de comércio, cujos estatutos devem ser brevemente aprovados.

— Pode érer, o nosso período de trabalho diário era insuportável, mesmo desumano.

— Então hoje...

— Mercê da organização corporativa trabalhamos 10 horas por dia.

— Não se cumprem, portanto, as 8 horas?

— Efectivamente a lei prescreve 10 horas, com um descanso de duas, que geralmente não se cumprem.

— Mas a fiscalização...

— E' impossível discriminar as horas destinadas ao repouso, atenta a natureza da indústria. Para atalhar este mal, vamos entregar uma exposição ao ex.^{mo} sr. Delegado do Instituto Nacional de Trabalho, que o habilite, estribado em dados positivos, a fixar em 9 horas o horário de trabalho.

Esperamos muito em breve ter este problema solucionado.

Pretendemos também a manutenção do descanso semanal às segundas-feiras, pois constitue uma das aspirações dessa secção.

A lei reguladora desta matéria permite aos municípios a sua alteração, mas nós já oficiamos à ex.^{ma} Vereação da Camara de Guimarães, solicitando a continuação do descanso tal como está fixado. Estamos convencidos que esta pretensão dos manipuladores de pão sindicalizados, será satisfeita...

— Já organizaram a Caixa de Previdência?

— O auxílio ao operário na doença, invalidez e velhice, constituia outro postulado de justiça social. Essa justa conquista está obtida. Anexa ao Sindicato temos uma caixa de previdência, com o fundo de 2.000\$00.

— Mas isso não chega a nada...

— Está enganado; eu explico. Mercê do espírito de previdência da minha classe e do patrocínio do sr. dr. Henrique Cabral, metade do produto das horas suplementares reverte a favor da Caixa. Ora como as horas suplementares são pagas a 50 %, a mais sobre a hora de trabalho normal, temos nesta receita uma importante verba.

Ainda este mês, devemos receber dos industriais de padaria, por conta desta receita — 1.000\$00.

Fui eu quem propôs este desconto em Assembleia Geral e apraz-me registar a espontânea anuência dos meus colegas.

A cota para a Caixa é de 3\$00, que juntamente com a cotização sindical perfaz 5\$00. Rende-nos isto mais de 400\$00 mensais. Em caso de auxílio aos nossos sócios não temos receio em recorrer a esta verba.

Ainda este ano, havemos de distribuir subsídios às famílias sem

recursos dos sindicalizados que tenham de prestar serviço militar.

Até a Previdência nos tem bafejado. A nossa caixa funciona há perto de um ano, pois durante este prazo ainda nenhum sócio esteve doente mais de oito dias, tempo necessário para a obtenção dos subsídios.

— Qual é a quantia que a Caixa de Previdência dá aos operários?

— 5\$00 diários.

— Que mais regalias alcançaram?

— A publicação do Dec. 25:733, que não permite aos patrões diminuir aos salários.

— Quais são as aspirações mais instantes da sua classe?

— O nosso desejo mais ardente, no presente momento, cifra-se na formação do grémio patronal, porque só então podemos estabelecer os contratos colectivos, englobando salários mínimos, tempo de aprendizagem, cotização dos patrões para a Caixa de Previdência, porque sem este auxílio não podemos alargar os nossos subsídios. Isto obtido, a minha classe, como todas as outras, confessa abertamente que nada mais quere, porque nada mais precisa.

— Mas se os patrões não se organizarem?

— Abortadas todas as tentativas da formação do grémio, temos em vista pedir a fixação do salário mínimo, por intermédio do *Diário do Governo*

— Será isso espinhoso?

— E' fácil, responde-nos com energia o nosso entrevistado; a questão é que trabalhemos. Temos a máxima confiança no sr. dr. Henrique Cabral, devotado protector das classes operárias. Tenho provas cabais do seu espírito de sacrifício, do seu desejo pertinaz de melhorar as nossas condições de vida.

— Os patrões têm entravado a marcha da secção que dirige?

— A principio a hostilidade era mais intensa, hoje está atenuada, quasi extinta.

— Tem fé na Organização Corporativa?

A esta pergunta, formulada de chofre, o sr. Ezequiel responde-nos com firmeza:

«Se eu e os meus companheiros de trabalho, não depositassemos fundas esperanças no Estado Corporativo, já tínhamos ido embora».

Além disso, devemos-lhe já uma organização, que nos permite trabalhar com ordem e método, num de espírito conciliação e harmonia, entre patrões e operários.

Os políticos que tantas vezes nos ludibriaram com promessas falazes, nem uma organização operária souberam traçar.

INFORMAÇÕES A' SOMBRA DA CRUZ

Bairro operário

O sr. Governador Civil assinou em Lisboa, na Caixa Geral de Depósitos, em nome da Câmara, a escritura do empréstimo de 500 contos.

Sua Ex.^a, o sr. capitão Preza, está empenhado em que a construção do Bairro seja iniciada o mais depressa possível.

Estradas

Foi arrematada a reparação e o calcetamento a paralelepípedos da estrada de Famalicão a Guimarães.

As obras são iniciadas brevemente.

Deve também ser posta em hasta pública por estes dias as reparações das estradas de Guimarães a Braga e a Santo Tirso.

Futebol

O Vitória iniciou a jornada do campeonato da II Liga, com um retumbante triunfo, sobre o Atlético que foi derrotado na sua própria casa, Coimbra, pelo *score* de 8-1. E' assim mesmo com resultados expressivos, obtidos fora de Guimarães que se consegue desfazer a lenda...

Que nesta jornada desportiva, farta de *étapes* duras, a «alma» do Vitória não sinta esmorecimentos!

Romaria de Santo Amaro

Realiza-se amanhã, na freguesia de Mascotelos, a romaria de Santo Amaro, a primeira do ano destas redondezas e que costuma ser muito concorrida.

NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

Uma das riquezas mais apreciáveis que herdamos dos nossos maiores foi a língua que falamos. Todas as gerações que nos antecederam contribuíram para a enriquecer e aperfeiçoar, e dela fizeram a mais bela, a mais expressiva, a mais doce e harmoniosa de todas as que o mundo fala.

A's gerações presentes compete guardar e defender religiosamente esta parte preciosa do património nacional. Amá-la, orgulhar-se dela, compreender o alto papel que ela desempenha na vida nacional é dever de todo o português consciente; falá-la com correcção, pelo menos é obrigação de todos os que não querem ser acoimados de anal-fabetos.

Aos espíritos nacionalistas a nossa língua não pode deixar de merecer um culto especial. O nosso jornal não se limitará, portanto, a apresentar-se escrito com correcção; deseja colaborar na campanha, que felizmente prossegue em todo o país, a favor da nossa língua. Abre, por isso, esta secção para prevenir os nossos conterrâneos contra alguns erros frequentes e dizer-lhes, quando o souber, o que é lícito dizer e o que o não é. Se dentre tantos defeitos, que desfeiam o falar da nossa gente, conseguirmos que, alguns se corrijam, por bem empregado daremos o tempo que estas despreziosas notas nos tirarem.

*
* *

O conflito da Itália e Abssínia deu ocasião a que aparecesse na imprensa termos geralmente desconhecidos e que cada um pronuncia a seu bel-prazer. A designação do soberano da Etiópia, *negus neguesti*, o rei dos reis, na sua forma abreviada de *negus*, começou a ser, e é geralmente pronunciada, como se fôsse termo latino, com o acento tónico na primeira sílaba. Nem a origem do termo nem os dicionários portugueses autorizam tal pronúncia. A palavra é aguda, isto é, tem o acento na última sílaba e deve portanto ler-se *negús* a rimar com *hindus* e *perus*.

E ainda a propósito do conflito *italo-etiope* chamamos a atenção para a pronúncia destes adjectivos; *italo* rima com *fila-lo* e não com *estalo* e *etiope* tem o acento tónico no *i*.

Não digam pois *négus*, *italo*, *etiope*; digam antes *negus*, *italo*, *etiope*.

José Teixeira de Carvalho

Na sua residência, à rua de Vila Verde, faleceu no passado dia 9 o sr. José Teixeira de Carvalho, que no nosso meio gozava de geral estima, especialmente entre os operários de cortumes, que sempre lhes mereceu carinho e protecção.

O saudável extinto era pai da sr.^a D. Custódia Teixeira de Carvalho, e dos srs. Luiz e Joaquim Teixeira de Carvalho e irmão das sr.^{as} D. Josefa, D. Rosa e D. Emília, D. Maria e D. Oliveira Teixeira de Carvalho, e dos nossos prezados amigos srs. padre António Teixeira de Carvalho, Luiz e Joaquim Teixeira de Carvalho.

A' família do saudável falecido as nossas mais sinceras condolências.

P.^o João Antunes Guimarães

Em S. Bento de Donim, onde actualmente residia, faleceu o P.^o João Antunes Guimarães, que durante longos anos dirigiu a vida espiritual da freguesia de S. Sebastião desta cidade.

A' família enlutada as nossas sentidas condolências.

P E D I B O L A

vitória — 9 Ovarense — 0

(Retardado)

O desafio de domingo, 5 do corrente, no campo do Bemlhevai, proporcionou ao grupo local uma satisfatória reabilitação dos seus «brios», amarfanhados pela derrota que o ovarense lhe tinha infligido na quarta-feira pretérita.

A toada do Vitória, caprichosa e irregular, atingiu no jôgo a que nos reportamos uma feitura muito apreciável.

As origens desta desarmónica actuação, variável de encontro para encontro, filiam-se nas transformações contínuas que a linha dianteira tem sofrido; em vésperas do campeonato da liga surge-nos um novo extremo direito, que, valha a verdade, teve uma estreia promissora no grupo de honra.

Porquê, tudo de afogadilho?

A preparação de novos elementos deve constituir o objectivo máximo do treinador da *equipe*. A persistência teimosa em manter componentes já gastos, afizura-se nos contraproducente. E, afinal, tantas esperanças em novos futebolistas, para tombarem amargamente!...

Já agora nos surge um extremo, *encaixado* à última hora para salvação da honra do convento.

Temos de concordar que a formação de novos elementos varia quasi em extremo.

O grupo visitante, exceptuadas algumas fases da segunda parte, nunca architectou futebol ao nível da nomeada que o precedia.

A defesa deixou-se bater desastrosamente, cabendo-lhe muitas culpas na marcação de algumas bolas.

A impor o grupo, a prestigiá-lo, avultava a constituição física dos seus componentes, todos de robusta compleição. Não se compreende facilmente como os locais se deixaram vencer pelo resultado de 4 e 1 em Ovar.

A primeira parte teve a caracterizá-la uma textura constante e numerosas faces de assédio organizadas pelos locais; o segundo tempo foi realçado por algumas impetuosas reacções dos visitantes, tendo uma delas preparado *goal* iminente, providencialmente salvo pela trave. Contudo, mesmo nesta parte, o ovarense foi sempre inferior.

As cinco primeiras bolas obteve-as Clemente em fugas decisivas; na segunda parte salientou-se João Jesus pelo brilho na marcação.

O encontro

O Vitória sai, constrói uma fase de três passes, surge em frente das rédes ovarenses e alcança a 1.^a bola por intermédio de Clemente.

O esférico vai ao cen ro, Lima segura-o passados instantes e aponta-o às rédes, mas a bola vai fóra.

Os visitantes tentam reagir.

O Vitória volta a assediá-lo, um defesa visitante falha, Clemente corre e faz o 2.^o ponto.

Nova investida dos locais, desliza do defesa ovarense e mais uma bola de Clemente. Decorrem momentos, e Clemente, o homem dos *goals*, repete nova façanha: mais uma bola.

Só nesta altura do jôgo Ricoca é chamado a intervir.

Bravo corre ao longo de sua asa, centra bem, mas nenhum companheiro aproveita o passe.

O Vitória exerce intenso dominio. Clemente, o melhor dianteiro, brilha também no *drible*.

O rendimento que João Jesus desenvolve é deveras minguado.

Clemente, de cabeça, aproveita um canto e faz o 5.^o *goal*.

Logo após o intervalo, o Vitória conduz por intermédio de Bravo uma boa avançada até junto do guarda-rédes, que defende facilmente. Clemente, em contraste com o primeiro tempo, perde algumas oportunidades de marcar.

João Jesus obtem a 6.^a bola, o extremo direito age com mais acerto; os seus passos são produtivos. O jôgo alterna-se por vezes, equilibrando a partida.

A trave evita uma bola ao Vitória. Os locais sacodem a pressão e João Jesus marca a 7.^a bola. Ricoca tem uma defesa arriscada: lança-se aos pés de dois dianteiros e apodera-se do esférico. A assistência aplaude o gesto do guarda-rédes. Bravo centra e João Jesus de cabeça, enfia o esférico nas rédes. O extremo esquerdo alcança a última bola da tarde.

A arbitragem, do sr. António Neves, exceptuando pequenos deslizes, regular.

Pró-homenagem a Gil Vicente

O *Bêrço da Grei* inicia hoje a publicação de três depoimentos, que pela sua importância e autoridade são garantias de um triunfo. A opinião abalizada do nosso conterrâneo, Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo Pimenta, vulto de excepcional relêvo no campo da crítica e da história nacionais, traduz pela sua objectividade e lucidez, o rumo a seguir na consagração gilvicentina.

Eis o depoimento de Sua Ex.^{sa}:

Meus amigos: — Não havendo a certeza de que *Gil Vicente* nasceu em Guimarães; e fundando-se a opinião dos que defendem essa naturalidade nos dizeres de alguns linhagistas, os mais descarados fabricantes de erros e patranhas, temos de ponderar os *termos em que* podemos promover as manifestações comemorativas da morte do grande artista — a qual se deu em 1536 ou 1537, se são verdadeiras as conjecturas de Braancamp.

Como ninguém apresenta melhores fundamentos do que nós, não repugna que sejamos nós a pretender prestar homenagem a *Gil Vicente*, — chamando-lhe vimaranense.

Nestas condições, respondo, por ordem, ao inquérito que me mandam:

A' 1.^a pergunta: — erigir-lhe uma estátua, em lugar próprio.

A' 2.^a pergunta: — Guimarães deve dar um carácter local à homenagem, pois considera *Gil Vicente*, seu filho.

A' 3.^a pergunta: — é justo que o Governo inclua entre as homenagens a prestar, essa a *Gil Vicente*, e em Guimarães.

As respostas retro-formuladas são-no em tese. Na hipótese, convém ter, em vista, as possibilidades estéticas e materiais — para não sair tolice.

Um monumento a *Gil Vicente* não é um marco fontenário. A fazer-se, é indispensável, primeiro, haver quem o faça; segundo, local onde se possa erguer; terceiro, material próprio, condizente com o que se pretende, para não cairmos na asneira da estátua de D. Afonso Henriques; quarto, dinheiro em abundância, para não nos revelarmos pelintras e sovinas.

Aqui têm, meus amigos, o que pensa o vosso muito amigo,

ALFREDO PIMENTA.

O secretariado da Propaganda afirma-nos a sua participação na homenagem a Gil Vicente:

Em resposta à carta de V. Ex.^{as} de 28 de Dezembro p. p., encarga-me o Director d'este Secretariado de comunicar a V. Ex.^{as} que a iniciativa da homenagem a prestar a Gil Vicente merece, naturalmente, o apoio moral d'este organismo.

Quanto à forma de levá-la a efeito embora pareça, desde já, mais indicado que ela deva revestir um carácter nacional, aguardo que

V. Ex.^{as} me informe dos elementos com que poderão contar, para então poder ajuizar devidamente.

A bem da Nação.

Secretariado da Propaganda Nacional, 4 de Janeiro de 1935.

O Chefe dos Serviços Internos,
ARTUR MACIEL.

A Sociedade de Martins Sarmiento, por intermédio do seu illustre presidente, emite parecer digno de ponderação:

Gostosamente respondo à carta de V. Ex.^{as}, sem data, ontem recebida, na qual me pedem a opinião sobre as homenagens a prestar nesta cidade em honra de Gil Vicente, pois apesar de tal opinião carecer da autoridade que V. Ex.^{as} lhe querem atribuir, não ponho dúvida em declarar o que penso sobre o assunto.

Parece-me que a homenagem mais expressiva que, sem prejuízo de quaisquer outras (tais como sessões solenes, conferências literárias, representação de um Auto vicentino, etc.), Guimarães poderia prestar ao fundador do Teatro português, seria o iniciar sem demora a construção, cuja falta é deplorável, da nossa desejada casa de espectáculos, que terá, julgo eu, o nome de «Teatro Gil Vicente». Na fachada desse edifício, de linhas sóbrias e modernas, cujo projecto deve sair das mãos de um Artista profissional, ficaria bem, integrada e harmonizada no conjunto architectónico, a estátua do nosso glorioso Conterrâneo, se por vimaranense o devemos ter, pois é incerta, como todos sabem, a terra da sua naturalidade (Guimarães? Barcelos? Lisboa?), bem como a datado seu nascimento (1465?) e da sua morte (1536?).

Penso que a comemoração que se pretende realizar deve ser uma festa nacional, à qual Guimarães se associe, e não o País a Guimarães. As grandes figuras históricas merecem mais do que uma simples consagração local, por isso que a irradiação do seu génio ultrapassa a restrição de tais limites.

Mas, de facto, Guimarães, pelas justas pretensões a terra natal de Gil Vicente, deve ocupar um lugar marcante nesta consagração ao grande comediógrafo. A Sociedade Martins Sarmiento, que em 1902 comemorou também o 4.^o Centenário da fundação do Teatro português (isto é, a data da representação da primeira obra dramática de Gil Vicente), publicando nesse ano um número especial da sua Revista dedicado à obra vicentina, já ofereceu, há dias, todo o seu dedicado concurso à Ex.^{ma} Câmara Municipal.

Eis o que, sem pretensões de originalidade, se me oferece dizer a V. Ex.^{as} sobre o assunto que tam louvavelmente lhes interessa.

Criam-me, com muita consideração e estima,

De V. Ex.^{as}

mt.^o grato,

MÁRIO CARDOSO.

DEUS EM NÓS VIDA CATÓLICA

*Deus em nós é abrir asas
a alma liberta, serena,
bem alto, longe das vasas
mundanais, de vil gangrena.*

*Deus é amor. Possuí-lo
dentro em nosso coração,
de bondade é ser um Nilo
em transbôrdo e inundação:*

*em deslumbrante beleza
viver sempre inebriado;
sentir somente a tristeza
de não ver o Amor amado.*

*E' queimar-se em vivo anseio
é devorar-se na chama
de desejar ver, no seio
de Deus, a quantos se ama.*

P.^a SILVA GONÇALVES.

Horário das missas aos domingos e dias santos nas diferentes igrejas desta cidade

6	horas	— S. Pedro.
6,30	"	— S. Francisco e Hospital da Misericórdia.
8	"	— Carmo (servindo de paróquial da Oliveira), Misericórdia (servindo de paróquial de S. Paio), S. Sebastião, Campo da Feira.
9	"	— Capela de S. Domingos.
10	"	— S. Pedro.
10,30	"	— S. Sebastião (Domínicas).
11	"	— Carmo, Misericórdia, S. Dâmaso.
12	"	— S. Pedro.
12,30	"	— S. Francisco.

LAUSPERENES

Carmo — Sábados, 10 às 12 e 15 às 17 horas.
Misericórdia — Terças-feiras, 15 às 17 e Quintas, das 15 às 16 horas.
S. Domingos (Capela) — Domingos, das 9 às 11 horas.
" — Segundas e quartas-feiras.
S. Francisco — Sextas-feiras, das 15 às 17.
Campo da Feira — Terças-feiras, das 15 às 17.

Higiene e puericultura TRINCHEIRA NOVA

O ALCOOLISMO

O alcoolismo é um dos maiores flagelos sociais, causa da exterminação da humanidade pela doença, do difinhamento e degenerescência da raça pela loucura e taras congénitas e de desorganização moral pela perda da consciência dos viciados.

Pode-se afirmar que todos os anos são ceifadas milhares de vidas por este inimigo do homem, sobremodo perigoso por se apresentar muitas vezes sob as formas mais atraentes e aliciadoras.

Não é somente alcoólico o indivíduo que se embriaga com muita frequência. Há muitos alcoólicos que jamais foram vistos embriagados. A intoxicação crónica, incomparavelmente mais grave do que a aguda, é devida ao uso prolongado e contínuo de doses tóxicas de álcool que se vão acumulando no organismo.

O vício quotidiano de beber de manhã um cálice de aguardente, de vinho do Porto ou de qualquer licor, pode gerar o alcoolismo crónico.

O álcool ataca de preferência o sistema nervoso, o fígado, o estômago, o coração e os rins; predispõe para a tuberculose, pelo enfraquecimento do organismo e pela perda de apetite que produz nas suas vítimas e contribue para a disseminação da sífilis pela falta de cuidados contra o contágio. Uma grande parte dos loucos são filhos de alcoólicos.

O alcoolismo é a causa maior da criminalidade, ou directamente pela execução de crimes em estado de embriaguez, ou indirectamente, visto na descendência dos alcoólicos aparecerem com frequência criminosos. Cerca de 60 % dos delitos que o Código Penal prevê e castiga estão sob a sua dependência.

O suicídio está muitas vezes relacionado com o abuso do álcool, ou pelas condições de miséria moral que provoca ou pela situação de inferioridade física que determina ou ainda pela insuportável e delirante existência que acarreta.

O alcoolismo é a causa máxima da desorganização da família.

De facto, o alcoólico é um elemento pernicioso para todos, pelo exemplo de degradação moral e social que dá a cada passo, pelo terror que infunde à mulher e aos filhos, pela ruína a que leva o seu lar, em virtude dos poucos ganhos e dos desperdícios nas bebidas, pela responsabilidade que lhe pertence e pelo exemplo que dá, no facto de os filhos se entregarem precocemente ao uso e abuso das bebidas alcoólicas.

A miséria, a vagabundagem, a prostituição, a criminalidade infantil vão buscar a sua origem, num grande número de casos, ao alcoolismo dos pais.

Os filhos de alcoólicos são, além disso, congénitamente fracos, têm uma resistência menor às infecções e doenças e apresentam, com grande frequência, as mais variadas anomalias físicas, mentais e morais.

Dentre as primeiras salientarei o desenvolvimento físico imperfeito, e a surdo-mudez, e das outras a epilepsia, a neurastenia, a idiotia, a debilidade mental, a imbecilidade, as impulsões criminais, a vagabundagem e a prostituição.

Os alcoólicos morrem geralmente cedo, ou devido às consequências da acção directa do álcool sobre o fígado, o estômago, o cérebro, o sistema nervoso, etc., ou loucos, com *delirium tremens*, com tuberculose, com gangrena pulmonar. As pneumonias são excepcionalmente graves nos alcoólicos.

Em resumo: o alcoolismo é um dos maiores factores de destruição do indivíduo, da família e da sociedade.

Não podemos deixar de trazer as nossas saudações ao *Berço da Grei*, trincheira nacionalista que se levanta nesta boa terra de Guimarães. E' ao trazer as nossas saudações aos novos que ficam de alerta na defesa da Ordem Nova, não podemos deixar de lembrar, com que saúde, tempos distantes, de peleja brava, contra a Democracia dominante. Foi *Gil Vicente* o primeiro semanário nacionalista, antes (para não confundir), integralista que existiu em Guimarães. E ainda agora recordo o riso escarinho com que foram recebidos esses *sebastianistas* que sonhavam com o regresso do Sr. D. Miguel, numa manhã de nevoeiro. Porém, entre os aplausos de poucos, a indiferença da maior parte, e a guerra de alguns, a sementeira das doutrinas nacionalistas foi-se fazendo de tal maneira que aquela meia dúzia de integralistas que não chegava para constituir uma Câmara, — como então se dizia — não precisou de ir ocupar as cadeiras do Município após o advento do 28 de Maio. Tem havido, felizmente, gente que baste para os cargos de vereadores e para outros, também de responsabilidade e de comando. Daqui se conclue quão necessária é a sementeira das boas ideias, até mesmo quando o terreno parece árido e incapaz de frutificar. Eis o que muito sinceramente lhe desejamos, sem quebra dos nossos princípios de sempre, fiéis, hoje como nesses distantes tempos, aquele sonho *sebastianista* em que depositamos ainda as nossas melhores esperanças, a bem da Nação.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

INQUERITO A' MARGEM ÁS CLASSES OPERÁRIAS

(Continuação da página 5)

Hoje, em face dos princípios do Estatuto Nacional de Trabalho, os Sindicatos não vogam ao sabor de *meneurs*, sem escrúpulos.

Temos o rumo indicado.

Sem gritos de ódio nem explosões de raiva, o Estado Corporativo há-de triunfar em toda a sua extensão, para bem do trabalho nacional.

Muitos patrões ainda não se venceram desta verdade, mas a grande massa operária está dela compenetrada.

— Qual a opinião dos seus camaradas de trabalho, sobre Salazar?

— «Todos os filiados da secção do Sindicato de manipuladores de pão consideram-no como um operário, e trabalha pela salvação de Portugal.»

Com estas últimas palavras, textualmente reproduzidas, terminou a nossa longa palestra com o sr. Ezequiel de Sousa.

A Escola tem de ter um ideal que a oriente; ideal de Pátria? ideal Cristão? ideal de Família? — todos juntos darão o Ideal Nacional, o ideal da Escola Portuguesa.

Sendo assim não podemos admitir a neutralidade da Escola; ela tem de ser Nacionalista e Cristã.

Procurar denegrir um indivíduo, mofando do uniforme que ele enverga como memoro de determinada instituição, corporação de bombeiros, escutismo, ordens religiosas, etc., é, sem dúvida um dos sintomas mais bem expressivos da baixa mentalidade de muitas pessoas.

Afinal, insultos assim bolsados, não atingem as pessoas que se visam, mas só enchem de ridículo e salpicam de lama os próprios *atiradores*.

Isto só nos convence que no fundo de todas as questões reside um problema de moral. Uma vez resolvido, Portugal será uma nação próspera.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães,

FAZ SABER:

1.º Que se acham patentes na Secretaria da Câmara Municipal, a exame dos contribuintes, os lançamentos directos da derrama especial para a construção da Praça, Edifício para os Paços do Concelho e Avenidas, organizada nos termos da Lei.

2.º Que durante o prazo de 15 dias, a contar da data deste Edital, podem ser apresentadas quaisquer reclamações, nos termos do art. 114.º da Lei Administrativa de 7 de Agosto de 1913.

3.º Que as freguesias contribuídas são todas as que constituem o concelho de Guimarães, de harmonia com as deliberações de 12 de Setembro e de 24 de Outubro de 1935.

4.º Que esta derrama deve ser paga durante o próximo mês de Fevereiro, na Tesouraria Municipal, desde as 11 às 16 horas.

E, para constar, e não haver ignorância, se publica o presente Edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos desta cidade e freguesias.

Guimarães, Secretaria da Câmara Municipal, aos 10 de Janeiro de 1936 (e trinta e seis).

E eu, *Américo de Oliveira Durão*, chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Administrativa,

José Francisco dos Santos.